

A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA, 16 - 22 DE NOVEMBRO 1987



CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Ficha técnica:

Coordenação - Luis Alves da Silva

Rui Mateus

Design gráfico - Rui Mateus

Secretaria/Processamento de texto: M^a da Graça Colaço

Composição - Gabinete de design / C.A.M.

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira

Edição - Campo Arqueológico de Mértola

Exemplares - 500

Depósito legal - 51346/91

Ilustração da capa:

Tijela do século XI, de provável origem tunisina (Museu de Mértola)



A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA
16 -22 novembro 1987

Edição:
CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Apoio:
ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA
COMISSÃO DE COORDENACÃO DA REGIÃO ALENTEJO
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL
JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

1991

Posters

Olaria medieval de Beja. Contribuição para o seu estudo

Joaquim FIGUEIRA MESTRE

Nota prévia

O trabalho que apresentamos tem como finalidade divulgar um conjunto cerâmico que foi retirado da abóbada da galilé da igreja de St^a. Maria de Beja. A análise tipológica das peças assim como da galilé de onde foram retiradas levamos a situá-las cronologicamente à volta de 1500.

Pensamos igualmente que estas peças são provenientes das antigas olarias de Beja.

A IGREJA DE ST^a. MARIA - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A igreja de St^a. Maria é um dos templos mais antigos de Beja, remontando segundo a tradição, ao período visigótico.

Esta sua origem tem certa justificação na medida em que se têm encontrado no seu largo alguns elementos arquitectónicos dessa época, bem como duas lápides, que se encontram no Museu Regional de Beja.

Durante a ocupação muçulmana foi certamente, transformada em mesquita.

Para além desta breve problematização acerca da origem da igreja de St^a. Maria, podemos adiantar, já com base em documentos, que esta igreja foi edificada na segunda metade do século XIII.[1]

O que vemos hoje é o resultado das várias alterações e amputações que sofreu no decorrer dos séculos. Os elementos arquitectónicos mais antigos que chegaram até nós são a torre sineira, a ábside e a galilé. Esta última construída cerca de 1500, altura em que no Alentejo se fizeram várias capelas com galilé, inseridas naquilo que vulgarmente se chama o gótico-alentejano (Fig. 1).

A GALILÉ

A igreja apresenta na frontaria uma bela galilé no estilo gótico-alentejano com pormenores arquitectónicos de

influência mudéjar. A galilé é constituída por três arcos ogivais na frente e um de cada lado, ladeados por quatro torres cilíndricas, à maneira de contrafortes, encimados por pináculos cónicos envoltos em ameias chanfradas.

A abóbada é de cruzaria de ogivas, com três tramos e de grande simplicidade arquitectónica. As arestas assentam em catorze mísulas piramidais, apresentando seis delas ornatos fitomórficos, constituídos por três tipos de folhagem, entre as quais sobressaem as folhas de cardo, características dos finais do século XV.

As restantes mísulas estão lisas, notando-se no entanto, vestígios da primitiva decoração gótica, que deve ter sido retirada no século XVII, de forma a melhor se enquadrar nas obras renascentistas patenteadas nos pórticos das entradas. Tratava-se certamente de ornatos antropomórficos que não se coadunavam com o espírito da Contra-Reforma. Os fechos são em mármore liso e acompanham as arestas curvilíneas e bem delineadas da abóbada. Esta abóbada tem paralelo na da escadaria que dá acesso ao coro-alto da igreja do convento da Conceição e na da capela da sala do capítulo do mesmo convento, ambas datadas igualmente dos finais do século XV.

A TÉCNICA DE ENCHIMENTO DA ABÓBADA DA GALILÉ DE ST^a. MARIA.

A técnica de construção de abóbadas com peças de cerâmica remonta, segundo alguns autores, à época romana.[2]

Tal é patente em algumas construções abobadadas de Pompeia bem como em edifícios africanos construídos durante a colonização romana. Nesses monumentos, as abóbadas e as cúpulas são feitas com ânforas e tubos cerâmicos, encaixados uns nos outros e ligados com argamassa.

Este processo será posteriormente utilizado em edifícios paleocristãos e bizantinos. Mais tarde, será aperfeiçoado e desenvolvido pelos mulçumanos nas



monumentais cúpulas das suas mesquitas e palácios. Possivelmente, foi através deste povo que esta técnica foi introduzida na Península.

Durante a idade-média as abóbadas são construídas com tijolo e argamassa e depois cheias com objectos cerâmicos provenientes do refugio das olarias. Deste modo, aligeiravam-se as abóbadas, evitava-se a infiltração da humidade e melhorava-se as condições acústicas.

Este processo técnico está documentado em várias igrejas e catedrais de Espanha, datadas dos séculos XIV, XV e XVI, nomeadamente nas abóbadas da igreja de Pedralbes e nas da catedral de Barcelona, entre outras.[3]

Em Portugal temos conhecimento da utilização desta técnica, no convento de S. Domingos de Montemor-o-Novo, convento de S. Francisco de Évora [4] e, tal como iremos verificar, na abóbada da galilé da igreja de St^a. Maria de Beja.

Com efeito, no enchimento da abóbada desta galilé, utilizaram-se peças cerâmicas de diferentes formas e tamanhos com a finalidade de preencher o espaço entre o pano de tijolo da abóbada e a sua cobertura. Tal como podemos verificar na fig.2, os mestres construtores colocaram no arranque, onde o espaço é maior, cântaros dispostos boca a boca e ligados com fortíssima argamassa de cal e areia. À medida que o arco se aproxima do fecho da abóbada, o número e tamanho das peças diminuem, de modo a acompanharem a sua curvatura. Contrariamente aos exemplos de Montemor e Évora onde utilizaram saibro e fragmentos de cerâmica para encher os espaços entre as peças, aqui deixaram-nos vazios.

Curiosamente, para além da abóbada, também os

pináculos cónicos dos torreões têm no seu interior um cântaro a servir de estrutura.

As peças que em seguida iremos apresentar foram retiradas do topo lateral direito da galilé, aquando das obras de restauro e consolidação do edifício, realizadas há alguns anos.

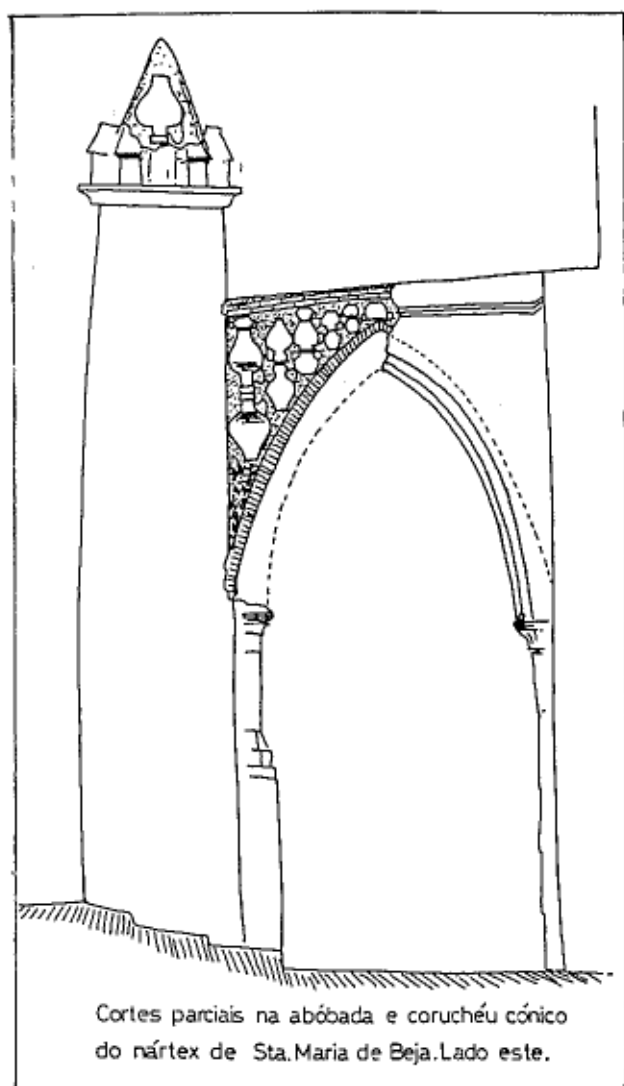
CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E TIPOLOGICAS DAS PEÇAS.

Através de uma abertura feita no topo lateral direito da galilé foi possível penetrar no interior da abóbada e retirar dezanove peças, na sua quase totalidade bem conservadas. A alguns vasos falta-lhes as asas ou os bocais. Tal ficou a dever-se ao facto da argamassa que os ligava entre si ser muito forte não permitindo uma recuperação fácil. No entanto, a quase todas as peças foi possível determinar o perfil. Algumas estão tão bem conservadas que parece terem acabado de sair da olaria. Apenas os vestígios de cal e argamassa denunciam a sua utilização como enchimento da abóbada.

Por questões de operacionalidade dividimos o conjunto cerâmico tendo em atenção a forma e a funcionalidade das peças. Deste modo, formámos quatro lotes, constituídos da seguinte maneira:

lote 1 - oito cântaros e um bocal, lote 2 - cinco infusas, lote 3 - quatro painéis e "lote" 4 - um atemor.

O facto dos cântaros terem leves diferenças no tamanho, forma e decoração, levou-nos a apresentar dois exemplares, apesar de estarmos cientes de que pertencem à



Cortes parciais na abóbada e coruchéu cónico do nártex de Sta. Maria de Beja. Lado este.

mesma tipologia. A inclusão neste lote de um bocal, deve-se ao facto de pensarmos que ele pertencia a um tipo diferente de cântaro.

Nas infusas determinámos a existência de dois tipos suficientemente distintos para os apresentarmos em separado.

As panelas constituem cada uma um tipo com características marcadamente diferenciadas quer no tamanho quer no perfil, daí a razão de as apresentarmos individualmente.

Determinamos igualmente a existência de duas técnicas decorativas: decoração a engobe e decoração incisa.

A nomenclatura utilizada teve em atenção as designações usuais na olaria tradicional alentejana nos séculos XIX e XX, aferidas com informes do inventário da Infanta D. Beatriz, de 1507.

O exame das pastas foi feito com uma binocular o que possibilitou a determinação do tipo de desgorduramento utilizado.

Posto isto, passamos à análise das peças.

CÂNTAROS

Lote de oito exemplares de diferentes tamanhos, variando as suas alturas entre 50,5 e 45,5 cm.

Peça I

Altura - 47,5 cm

Diâmetro da base - 14 cm

Diâmetro da boca - 12,5 cm

Altura do bocal - 4,4 cm

Descrição

Base plana e circular, bojo esferoide, colo cilíndrico apostado depois da secagem do corpo do cântaro, bocal saliente, asa fitiforme com canelura central e axila levantada.

Pasta castanha avermelhada, bem cozida, compacta, dura e com elementos acerâmicos de grão fino e médio quartzíticos e feldspáticos.

Decoração

Apresenta dois registos decorativos - um no bocal e outro na parte superior do bojo. A análise da técnica decorativa diz-nos que as superfícies a decorar foram previamente revestidas de engobe ocre claro e em seguida a peça foi colocada na roda, a que o oleiro deu um movimento rápido, pressionando de imediato o dedo indicador sobre a superfície pintada, imprimindo um movimento em espiral. Nota-se perfeitamente o pegamento entre as diversas linhas bem como o facto da pintura ter sido feita depois da peça estar seca e antes da colocação da asa.

Trata-se de uma peça bem conservada, apresentando apenas uma pequena falha no rebordo e uma racha junto à base que sobe à altura do pegamento inferior da asa. Vê-se que esta racha foi provocada pelo arrefecimento brusco do forno ou pela entrada de ar. Este facto originou igualmente o tom cinzento escuro e as manchas alaranjadas que a peça apresenta.

Observações

A designação de cântaro é aquela, que quanto a nós, melhor se adapta à peça em análise. Pensamos que estes recipientes serviam para conservar a água fresca e estavam colocados sobre um poial, na cozinha, como é hábito no Alentejo. É talvez devido a esse facto, que se deve a decoração e o acabamento cuidado que a peça apresenta.

Peça II

Altura - 50,5 cm

Diâmetro da base - 15 cm

Diâmetro da boca - 12,2 cm

Altura do bocal - 4,6 cm

Descrição

Base plana e circular, bojo esferoide e muito pronunciado, colo cilíndrico, bocal saliente, asa fitiforme de axila levantada, larga e com canelura central.

Pasta castanha avermelhada, compacta, dura e com a inclusão de elementos acerâmicos de grão fino e médio, quartzíticos e feldspáticos.

Decoração

Apresenta igualmente dois registos pictóricos, feitos com a mesma técnica utilizada na peça anterior, mas com motivo decorativo diferente. Com efeito, sobre uma decoração em espiral, idêntica à que descrevemos atrás, foi, feito com o dedo indicador um encordoado rápido e solto.

Conservação

Tem apenas uma fractura na base e uma racha na parte inferior do bojo, provocadas durante a cozedura.

Observações

Esta peça é a maior do lote dos cântaros.

Peça nº III - Fragmento de cântaro

Altura - 21,2 cm

Altura do bocal - 10,8 cm

Diâmetro da boca - 14,8 cm

Descrição

Colo cilíndrico de paredes encurvadas com leve ressalto no pegamento com o bocal. Este é alto, cilíndrico e saliente. Apresenta vestígios da asa, permitindo verificar que esta era de fita larga, grosseira e enegrecida, com elementos acerbâmicos de grão médio, quartzíticos e feldspáticos.

Decoração

Apesar de se tratar de um fragmento, é possível determinar a existência de dois registos decorativos feitos com técnica idêntica à dos cântaros anteriores. No entanto, aqui, a decoração é em zig-zag.

Conservação

Resta apenas um fragmento, que não permite determinar o perfil da peça e a parte superior do bocal apresenta algumas fracturas.

Observações

Apesar de não conseguirmos determinar o perfil completo da peça, julgámos importante apresentar este fragmento, pois ele constitui, sem dúvida, a parte superior de um cântaro tipologicamente diferente dos anteriores. Vê-se nitidamente que foi aparelhado na parte inferior de modo a ocupar um determinado espaço no interior da abóbada.

INFUSAS

Lote de cinco exemplares onde foi possível verificar a existência de dois tipos.

Tipo I - Quatro exemplares

Peça IV

Altura - 36 cm

Diâmetro da base - 14,5 cm

Diâmetro da boca - 11 cm

Descrição:

Base plana e circular, corpo ovóide, colo cilíndrico e encurvado na parte superior e rebordo boleado. Asa de fita larga, puxada e alisada com os dedos, com duas caneluras muito suaves e a axila levantada.

Pasta castanha avermelhada, bem cozida e dura, com elementos acerbâmicos de grão fino e médio, quartzíticos e feldspáticos.

Decoração

Apresenta duas estrias paralelas feitas com instrumento aguçado, a fazer a separação entre o colo e o bojo.

Conservação

É uma peça bem conservada, apresentando apenas a parte superior do colo fragmentado e um orifício no bojo. A superfície externa está enegrecida e com manchas vermelhas, efeitos da cozedura, certamente.

Observações

Esta infusa tem paralelo numa peça retirada das abóbadas do convento de S. Francisco de Évora e publicada por C. da Câmara Manoel, sob a Nº 3 (5). Pensamos igualmente que esta forma devia ser comum a todo o Alentejo e até mesmo ao Algarve, como parece indicar uma peça semelhante que está exposta no Museu de Silves.

Tipo II - Um exemplar

Peça V

Altura - 33,7 cm

Diâmetro da base - 15 cm

Diâmetro da boca - 11,3 cm

Descrição

Base plana e circular, corpo esferóide e atarracado, colo cilíndrico e levemente encurvado, asa de fita larga com axila levantada.

Pasta castanha avermelhada com elementos acerbâmicos de grão fino e médio, quartzíticos e feldspáticos.

Decoração

A parte superior do bojo é decorada com três estrias paralelas, feitas com instrumento aguçado. Toda a peça é revestida por uma ténue capa de engobe ocre claro.

Conservação

Tem duas rachas provocadas por choque e uma moessa na parte inferior debaixo da asa. O rebordo apresenta uma falha.

Observações

Trata-se de uma peça com um acabamento muito

cuidado e tipologicamente diferente do Tipo I quer na colo quer na forma atarracada do corpo.

ATANOR

Exemplar único

Peça VI

Altura - 23 cm

Diâmetro da base - 13 cm

Diâmetro da boca - 10 cm

Descrição

Base plana e circular, bojo ovóide, colo reduzido, boca larga com rebordo saliente, horizontal na parte superior e boleado no lado exterior. Asas puxadas à mão, de secção triangular, com duas caneluras feitas com os dedos.

Pasta castanha avermelhada, bem cozida, compacta e dura, com inclusão de quartzíticos e feldspáticos de grão fino e médio.

Decoração

Apresenta na parte superior do bojo uma estria paralela ao rebordo, feita com instrumento aguçado.

Conservação

Esta peça estava muito ligada à abóbada o que provocou a sua fragmentação ao ser retirada. No entanto, foi possível restaurá-la. Falta-lhe apenas parte do rebordo e uma asa.

Observações

Esta forma tem paralelo na peça publicada por C. Câmara Manoel sob Nº 2 (6) e grandes semelhanças com os atanores retirados da abóbada do convento de S. Domingos de Montemor-o-Novo.

A designação atamor está, segundo M. Ribeiro, consignada no Regimento de Oleiros de Lisboa, 1572. Na olaria tradicional de Serpa era dado o nome de tinor a um vaso semelhante.

PANELAS

Lote de quatro exemplares que apresentam características morfológicas e técnicas suficientemente distintas para considerarmos a existência de quatro tipos.

Tipo I

Peça nº VII

Altura - 12,7 cm

Diâmetro da base - 7 cm

Diâmetro da boca - 11 cm

Descrição

Base circular, levemente abaulada e irregular, bojo

esferóide, colo reduzido e rebordo boleado. Asa de perfil oval, unindo o rebordo com o bojo.

Pasta castanha avermelhada, compacta, dura e bem cozida. O exame binocular revelou a inclusão de quartzíticos e feldspáticos de grão fino e médio.

Decoração

Esta peça tem apenas uma canelura em meia-cana, à volta do colo.

Conservação

Exemplar bem conservado.

Observações

O termo panela é ainda hoje vulgarmente utilizado em todo o Alentejo para designar peças com esta forma e com a finalidade de ir ao fogo com alimentos.

Tipo II

Peça nº VIII

Altura - 14 cm

Diâmetro da base - 6,8 cm

Diâmetro da boca - entre 10,3 e 10,8 cm

Descrição

Base circular e com inclinação provocada por defeito de fabrico ou de cozedura, bojo esferóide, colo reduzido e aberto, com pequeno ressalto a fazer a separação do bojo. Asa implantada em arco, de perfil oval, ligando o rebordo com o bojo.

Pasta castanha, ferruginosa e grosseira com elementos acerâmicos de grão médio, quartzíticos e feldspáticos.

Conservação

Apresenta uma fractura na parte inferior do bojo e vestígios de ter servido ao fogo.

Observações

Esta forma tem paralelo na peça publicada por C. da Câmara Manoel sob Nº 15 (7), assim como nas panelas que se faziam em Beringel no início do século.

Tipo III

Peça nº IX

Altura - 21 cm

Diâmetro da base - 9,3 cm

Diâmetro da boca - 13,5 cm

Descrição

Base circular e plana, bojo ovóide de paredes direitas em baixo e curvas na parte superior, colo reduzido e separado do bojo por uma fina estria de perfil triangular com duas leves caneluras feitas com os dedos.

Pasta castanha com elementos acerâmicos de grão fino e médio, quartzíticos e feldspáticos.

Decoração:

Pequena estria a separar o colo do bojo.

Conservação:

Fracturas na base e no bojo.

Observações:

Trata-se de uma forma muito comum na olaria tradicional do Baixo-Alentejo, concretamente em Serpa e Beringel.

Tipo IV

Peça nº X

altura - 20 cm

Diâmetro da base - 10,3 cm

Diâmetro da boca - entre 12,7 e 13,8 cm

Descrição:

Base circular e plana, bojo esferóide, colo reduzido e levemente abaulado, asa de perfil oval unindo o rebordo com o bojo.

Pasta castanha avermelhada bem cozida e compacta, com inclusão de elementos cerâmicos de grão fino e médio, quartzíticos e feldspáticos.

Decoração: Tem apenas duas estrias paralelas que fazem a separação entre o bojo e o colo.

Conservação:

Exemplar bem conservado.

Observações:

Esta forma tem paralelo na olaria tradicional de Beringel e Serpa.

CONCLUSÕES:

A ANÁLISE DAS PEÇAS PERMITE-NOS APRESENTAR AS SEGUINTE CONCLUSÕES:

1 - DETERMINAMOS A EXISTÊNCIA DE DOIS TIPOS DE PASTA: UMA MAIS FINA, CASTANHA AVERMELHADA, BEM COZIDA, COMPACTA E DURA COM ELEMENTOS ACERÂMICOS DE GRÃO FINO E MÉDIO, A QUE O EXAME BINOCULAR REVELOU TRATAREM-SE DE QUARTZÍTICOS E FELDSPÁTICOS: OUTRA MAIS GROSSEIRA, DE COR CASTANHA, BEM COZIDA COM INCLUSÃO DE QUARTZÍTICOS E FELDSPÁTICOS DE GRÃO MÉDIO.

2 - APESAR DAS PEÇAS SEREM DE TIPO UTILITÁRIO, VERIFICAMOS A EXISTÊNCIA DE DUAS TÉCNICAS DE DECORAÇÃO: DECORAÇÃO A ENGOBE E DECORAÇÃO INCISA.

3 - O EXAME DO PERFIL DAS PEÇAS PERMITE-NOS ESTABELECER PARALELOS COM A CERÂMICA PROVENIENTE DOS CONVENTOS DE S. FRANCISCO DE ÉVORA, S. DOMINGOS DE MONTE-MOR-O-NOVO, AMBOS DO SÉCULO XVI E COM A OLARIA TRADICIONAL ALENTEJANA DO SÉCULO XIX.

4 - O FACTO DA QUASE TOTALIDADE DOS VASOS APRESENTAREM FRACTURAS E RACHAS PROVOCADAS

POR ARREFECIMENTO BRUSCO DO FORNO OU POR ENTRADA SÚBITA DE AR NA CÂMARA DE COCÇÃO, LEVAMOS A CONCLUIR QUE OS VASOS UTILIZADOS NO ENCHIMENTO DAS ABÓBADAS ERA O REFUGO DAS OLARIAS.

5 - CONCLUIMOS, IGUALMENTE, QUE ESTAS PEÇAS SÃO PROVENIENTES DAS OLARIAS DE BEJA. BASEAMOS ESTA NOSSA AFIRMAÇÃO NOS SEGUINTE FACTORES:

1º - A COR DAS PASTAS É CARACTERÍSTICA DOS BARROS DA REGIÃO.

2º - ESTÁ PROVADA DOCUMENTALMENTE A EXISTÊNCIA DE OLARIAS EM BEJA, DESDE O SÉCULO XVI. FINALMENTE, PENSAMOS QUE ESTAS PEÇAS FORAM FABRICADAS NAS OLARIAS DE BEJA, PORQUE, QUANTO A NÓS, NÃO FAZ SENTIDO, EXISTINDO OLARIAS NA CIDADE IR COMPRÁ-LAS FORA DE BEJA, COM TODOS OS INCONVENIENTES DECORRENTES DO FACTO DA QUASE TOTALIDADE DOS VASOS ESTAREM RACHADOS.

6 - SITUAMOS CRONOLOGICAMENTE AS PEÇAS POR VOLTA DE 1500. FUNDAMENTAMOS ESTA NOSSA AFIRMAÇÃO NA ANÁLISE QUE FIZEMOS À GALILÉ DE S. MARIA ASSIM COMO À TIPOLOGIA DAS PEÇAS, QUE TAL COMO VIMOS TÊM PARALELO EM VASOS IGUALMENTE DO SÉCULO XVI. NO ENTANTO, ESTAS FORMAS TIVERAM CERTAMENTE UMA ORIGEM MAIS ANTIGA COMO O PARECE INDICAR O ARCAISMO DE CERTAS PEÇAS E O GEOMETRISMO DECORATIVO DOS CÂNTAROS.

Desenhos de Leonel Borrela

Fotografia de António Cunha

BIBLIOGRAFIA

MACEDO, Adélio Marinho de, *As olarias de Beringel - «Cadernos de Etnografia»*, Barcelos, 1968, II série, 4

NONELL, Juan Bassegoda, *La ceramica popular en la arquitectura gótica*. Ediciones de Nuevo Arte Thor, 3ª edición, 1983.

NUNES, M. Dias, *Artes e Industrias Tradicionais. A olaria em Serpa, «A Tradição»*, Anno II, vol. II, Nº 1, Serpa, Janeiro de 1900, p. 7.

RIBEIRO, Margarida, *Olaria de uso doméstico na arquitetura conventual do século XVI*. Edição do grupo dos amigos de Montemor-o-Novo, «Cadernos de Etnologia» 1, 1984.

— *A olaria medieval eborense*, «Revista de Guimarães», vol. LXXXVI, Janeiro-Dezembro 1976, pp 145 - 172.

NOTAS

(1) - Livro das Concordatas - Cabido da Sé de Évora.

(2) - Juan Bassegoda Nonell, *La ceramica popular en la arquitectura gótica*, ediciones de Nuevo Arte Thor, 3ª edición, 1983, pág. 31.

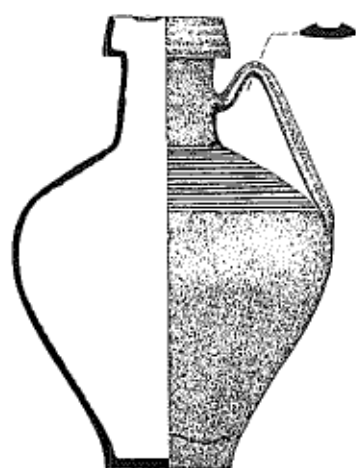
(3) - Juan Bassegoda Nonell, ob cit. pp. 60, 63 e 79.

(4) - Margarida Ribeiro, *Olaria de uso doméstico na arquitetura conventual do século XVI*, edição do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, 1984, p. 17.

(5) - C. da Câmara Manoel, *Archeologia Eborense*, in "O Archeologo Português", vol. II, Lx, 1896, pp. 302-304.

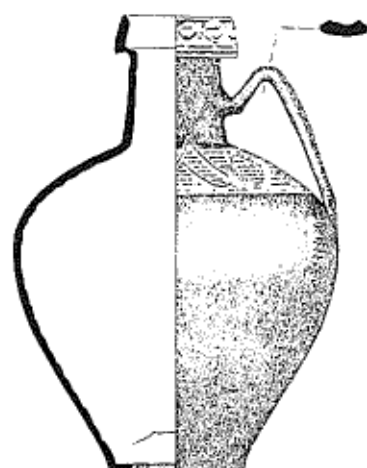
(6) - Idem

(7) - Idem



Peça I

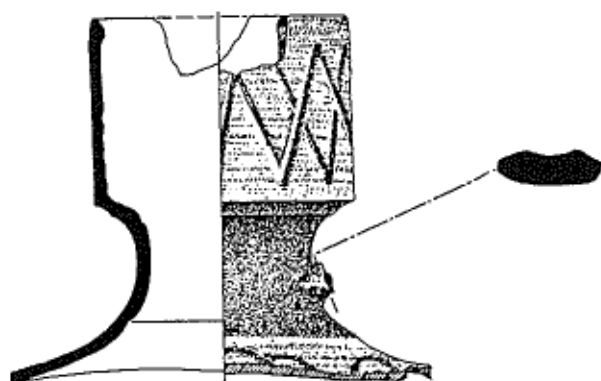
0 3 6 9 12cm



Peça II

0 3 6 9 12 15cm

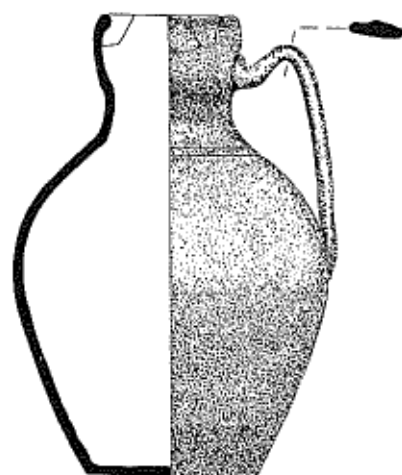
CANTARO



PEÇA III

0 3 6 9cm

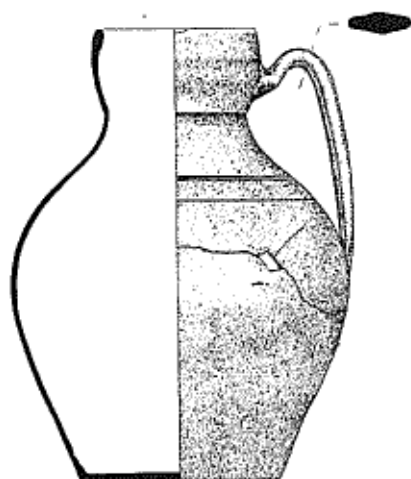
Fragmento de cântaro



Peça nº IV

0 3 6 9cm

INFUSA - TIPO I



Peça nº V

0 2 4 6 8cm

INFUSA - TIPO II



Peça nº VI

0 2 4 6cm

ATANOR



Peça nº VII

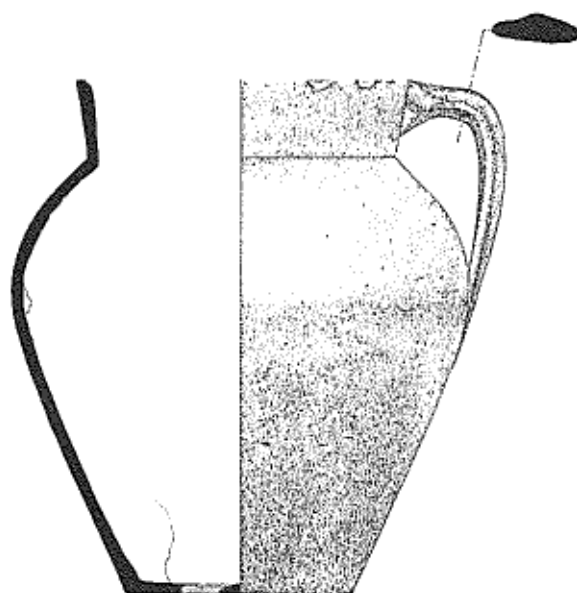
0 1 2 3 4 5 6 7 cm



Peça nº VIII

0 1 2 3 4 5 6 cm

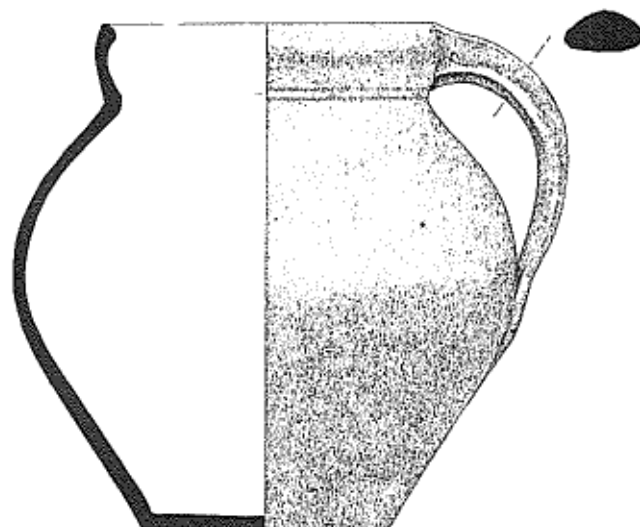
PANELA - TIPO II



Peça nº IX

0 1 2 3 4 5 cm

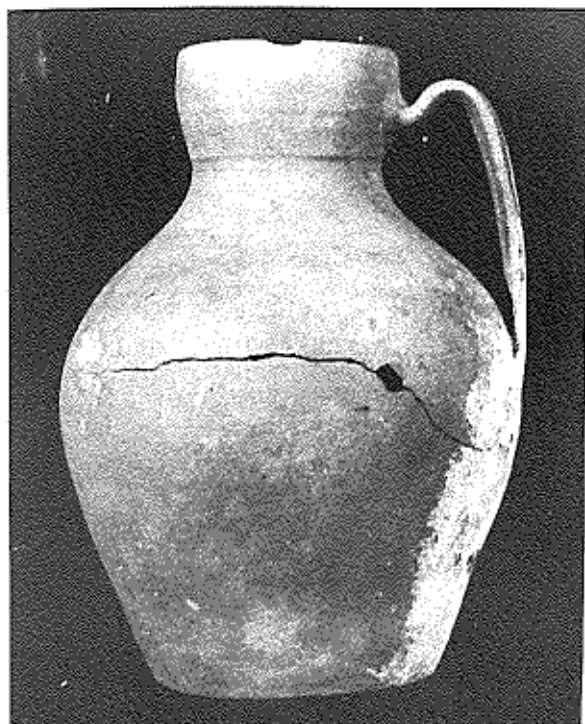
PANELA - TIPO III



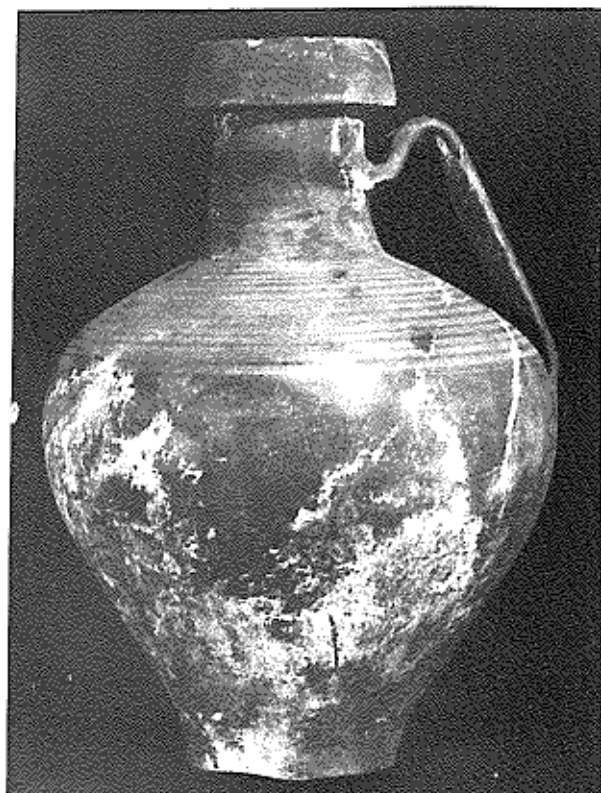
Peça 10

0 1 2 3 4 5 cm

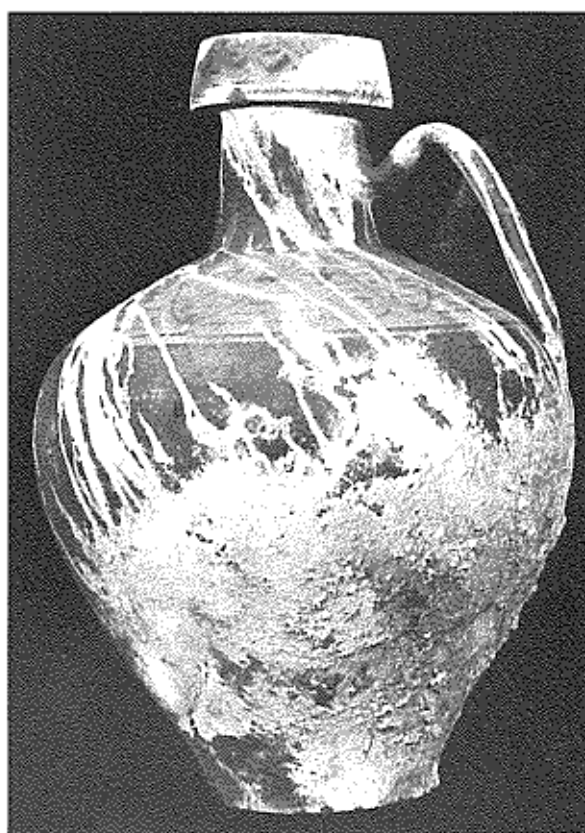
PANELA - TIPO IV



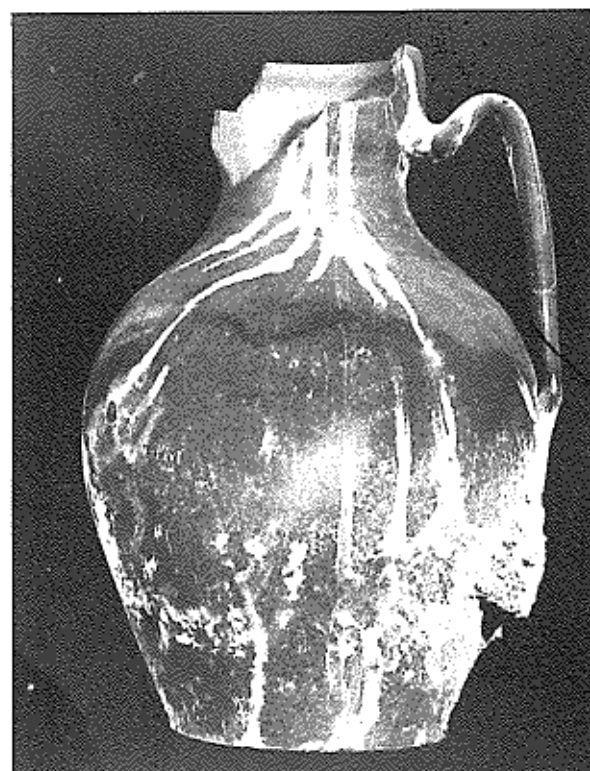
1



2



3



4



5



6



7



8